



**Uma educação nova, científica e profissional para as jovens mulheres de Paris.
A obra de Aimée Fiévet (1866-1962)¹**

A new and professional education for young women in Paris.
The work of Aimée Fiévet (1866-1962)

Una educación nueva, científica y profesional para las jóvenes de París.
La obra de Aimée Fiévet (1866-1962)

Une éducation nouvelle, scientifique et professionnelle pour les jeunes femmes à Paris.
L'oeuvre d'aimée fiévet (1866-1962)

Sébastien-Akira Alix
Université Paris-Est Créteil (França)
<https://orcid.org/0000-0001-8589-8400>
sebastienakira.alix@u-pec.fr

Resumo

Este artigo destaca a trajetória e a obra singulares de Aimée Fiévet (1866-1962), professora e depois diretora da escola primária superior para moças Sophie Germain de Paris, que buscou mudar o ensino para o sexo feminino de sua época. Envolvida na Sociedade Livre para o Estudo Psicológico da Criança e nos movimentos feministas reformistas do início do século XX, Aimée Fiévet se engajou pela modificação da educação científica oferecida na época às meninas na capital, na promoção do acesso ao ensino superior e ao emprego para as mulheres, bem como na transformação das escolas em um lugar de solidariedade social.

Palavras-chave: Aimée Fiévet; Mulher; Ensino Primário; Educação Nova; Ciências; Inserção Profissional.

¹ Texto originalmente publicado em *Spirale - Revue de recherches en éducation*. n.68, p.33 a 44, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3917/spir.068.0033>. Versão em português sob responsabilidade de Fernando Coelho. E-mail: fernando.coelho@udesc.br. Revisão técnica por Norberto Dallabrida. E-mail: norbertodallabrida@gmail.com.

Abstract

This article analyzes the life and work of Aimée Fiévet (1866-1962), a teacher and headmistress of the Sophie Germain Higher Primary School for Girls in Paris, who sought to change French female education. An early member of the Free Society for the Psychological Study of the Child, Fiévet was a feminist activist committed to changing the science education of Parisian girls and to promoting access to higher education and employment for young women. Throughout her career, she strove to turning schools into solidarity centers.

Keywords: Aimée Fiévet; Woman; Primary Education; New Education; Science; Occupational Integration.

Resumen

Este artículo destaca la trayectoria y la obra singulares de Aimée Fiévet (1866-1962), profesora y posteriormente directora de la escuela primaria superior para niñas Sophie Germain de París, que se propuso transformar la educación femenina de su época. Implicada en la Sociedad Libre para el Estudio Psicológico del Niño y en los movimientos feministas reformistas de principios del siglo XX, Aimée Fiévet se comprometió con la transformación de la educación científica que se ofrecía en aquella época a las niñas de la capital, con la promoción del acceso de las mujeres a la educación superior y al empleo, así como con la transformación de las escuelas en un espacio de solidaridad social.

Palabras clave: Aimée Fiévet; Mujer; Enseñanza Primaria; Educación Nueva; Ciencias; Inserción Profesional.

Résumé

Le présent article met en lumière la trajectoire et l'oeuvre singulières d'Aimée Fiévet (1866-1962), une enseignante puis directrice de l'école primaire supérieure de jeunes filles Sophie Germain à Paris, qui s'est efforcée de modifier l'enseignement féminin de son temps. Investie dans la Société libre pour l'étude psychologique de l'enfant et dans les mouvements féministes réformistes du début du siècle, Fiévet s'engage pour modifier l'enseignement scientifique dispensé à l'époque aux jeunes filles dans la capitale, pour promouvoir l'accès à l'enseignement supérieur et à l'emploi des femmes ainsi que pour faire de l'école un lieu de solidarité sociale.

Mots-clefs: Aimée Fiévet; Femme; Enseignement Primaire; Éducation Nouvelle; Sciences; Insertion Professionnelle.

Recebido: 01/04/2026

Aprovado: 30/07/2026

No dia 10 de abril de 1917, após inspecionar duas vezes a Escola Primária Sophie Germain, o inspetor geral do ensino primário Georges Lamy anotou sobre Aimée Fiévet:

Considero a Srta. Fiévet uma diretora da mais alta distinção [...]. Notei nela a vigilância e competência muito particulares com que dirige e supervisiona o ensino em todas as suas partes, especialmente sua preocupação constante em aumentar o rendimento útil dos estudos e ampliar as oportunidades disponíveis às alunas após sua saída da escola. Ao se esforçar por ampliar e tornar mais flexíveis os parâmetros de ensino para estender os serviços que a Escola podia oferecer às suas alunas, a Srta. Fiévet revelou-se uma diretora que acompanha os tempos.²

Os inúmeros comentários dos inspetores e das diretoras que figuram nos arquivos da sua carreira corroboram essa avaliação: Aimée parecia para muitos uma professora e diretora "notável", que contribuiu para tornar o ensino científico oferecido em sua escola o "melhor das escolas primárias superiores"³ da época.

Nascida em 14 de maio de 1866 em Cateau-Cambrésis, no departamento do Nord, a terceira de seis filhos (ela tinha uma irmã e quatro irmãos) de uma família relativamente abastada, que incluía vários funcionários públicos e professores do ensino secundário⁴, Aimée era professora e depois se tornou diretora de escola primária superior para moças e buscou transformar a educação das meninas das classes populares de sua época⁵, especialmente o ensino científico.

Acompanhando os tempos, ela se envolveu cedo na Sociedade Livre para o Estudo Psicológico da Criança e nos movimentos feministas reformistas do início do século, procurando promover uma escola adaptada às necessidades das alunas e ampliar o acesso das jovens ao ensino superior e ao emprego. Nomeada Cavaleira da Legião de Honra em 1921, Aimée Fiévet foi uma educadora que gozou de reconhecimento na educação pública em seu tempo, mas cuja obra e ações permanecem pouco conhecidas na historiografia.

Com base no estudo de sua ficha funcional, de seu arquivo de legionária e dos arquivos da Escola Sophie Germain, que ela dirigiu entre 1913 e 1928, o presente artigo pretende explorar e lançar luz sobre o itinerário, a trajetória e a obra educacional singular dessa educadora, destacando as dinâmicas de gênero que os atravessam, bem como a forma como ela se envolveu para promover uma educação nova, científica e profissional para jovens mulheres em Paris.

² Archives Nationales (AN), F17-23992, G. Lamy, « Appréciations et propositions de l'inspection générale », 10 de abril de 1917.

³ AN, F17-23992, R. Leblanc, « Appréciations et propositions de l'inspection générale », 29 de janeiro de 1904.

⁴ O pai de Aimée, Émile François Constant Fiévet, era produtor de sal e ocupava o cargo de Inspetor de Pesos e Medidas da Cidade de Paris. Seu tio, Charles Vacquant, foi Inspetor Geral da Instrução Pública de 1876 a 1895 e autor de obras sobre matemática para uso nas aulas do ensino secundário, muitas das quais foram escritas em colaboração com Auguste Macé de Lépinay, professor de matemática especial no Liceu Henri IV e cunhado de Aimée. Seus irmãos eram oficiais do exército francês e se formaram na Escola Politécnica e em Saint-Cyr.

⁵ Naquela época, a escola na França estava dividida em duas redes de estabelecimentos bastante distintos. Por um lado, o ensino secundário acolhia os filhos de notáveis que, ao final da escolaridade (que começa nos primeiros anos) cursada em uma escola pública ou colégio municipal, podiam fazer o *baccalauréat* e, eventualmente, ingressar no ensino superior. Quanto às meninas, só com a lei Camille Sée de 21 de dezembro de 1880 o Estado fundou escolas secundárias para elas. No entanto, estas últimas não davam acesso ao *baccalauréat*, mas conferiam diploma de conclusão do ensino secundário. Paralelamente a essa rede de ensino secundário, durante a década de 1880, os republicanos da Terceira República fizeram do ensino primário um serviço público do Estado e um nível de ensino coerente que abrangia desde a creche até as escolas normais superiores primárias. Nessa organização, a escola primária superior era um nível intermediário entre a escola primária elementar (para crianças de seis a treze anos) e a escola normal, destinada a formar futuros professores e professoras. Na época, os alunos frequentemente se preparavam aos dezesseis ou dezessete anos nas escolas primárias superiores para o exame de entrada na escola normal, porque, para serem admitidos, os candidatos precisavam ter pelo menos dezesseis anos, no máximo dezoito, em 1º de outubro do ano no qual se apresentavam (Prost, 1968; Mayeur, 1979; Briand & Chapoulie, 1992).

Um início agitado na carreira docente

Desde muito cedo interessada pelas ciências e pelo ensino, Aimée Fiévet realizou seus estudos na Escola Primária Superior de Lille e depois fez uma formação de um ano na Escola Normal Pape-Carpentier em 1886-1887. Nesse ano, foi admitida em terceiro lugar na Escola Normal Superior de Fontenay-aux-Roses⁶. Estudante-professora nessa instituição, ela se destacou pelas ideias e pela personalidade de Félix Pécaut, de quem "era a aluna favorita."⁷ Em julho de 1889, obteve o diploma de aptidão para o ensino de ciências nas Escolas Primárias Normal e Superior e foi nomeada, em outubro do mesmo ano, professora de ciências na Escola Normal de Professoras de Melun. Descrita por seus superiores como uma professora de "inteligência viva e aberta", "cheia de entusiasmo e juventude", apaixonada pelas ciências, "sabendo como ensiná-las", zelosa e preocupada com seus alunos⁸, Aimée, no entanto, enfrentou dificuldades bem cedo com a diretora da Escola Normal na qual lecionava.

No dia 1º de abril de 1891, o Inspetor Geral ficou surpreso com o "contraste marcante" entre a jovem professora e sua diretora. Observando o desejo de Aimée de ser nomeada em um estabelecimento em Versalhes, ele procurou saber sobre a realidade do aparente entendimento cordial entre as duas mulheres⁹. Ao final dessa inspeção, o entendimento – que verossimilmente era apenas de fachada – deteriorou-se, como apontou o inspetor escolar em 25 de abril de 1892: "muito amada por um certo número de alunas, sua influência [de Aimée Fiévet] havia, no ano passado, lançado alguma sombra sobre a Senhora Diretora".¹⁰ Um mês após esse comentário, a situação pareceu ter chegado a um ponto sem retorno, como observa o Inspetor Geral:

Como professora, todos concordam em elogiá-la [Aimée Fiévet]; como colaboradora, parece ter-lhe faltado prudência. Ela ofuscava a Sra. Lauriol e as relações não eram o que deviam ser. Mas essa situação deve ser resolvida este ano, seja pela licença que a Diretora deve tirar, seja pela nomeação da Srta. Fiévet para Versalhes, conforme ela solicita.¹¹

Na verdade, o conflito terminou com a saída de Aimée, que deixou seu cargo de professora de ciências na Escola Normal de Professoras de Melun para assumir o cargo de professora auxiliar na Escola Primária Superior de Moças Sophie Germain, na rua de Jouy, no quarto *arrondissement* de Paris. Se essa posição foi uma espécie de rebaixamento profissional para ela, seu encontro com Berthe Chégaray, diretora da escola Sophie Germain, representou, no entanto, um passo importante em sua carreira docente.

⁶ A Escola Normal Superior Primária de Fontenay-aux-Roses, fundada pelo decreto de 13 de julho de 1880, tinha como objetivo formar as futuras professoras das escolas normais primárias e das escolas primárias superiores para meninas. Ela deve ser distinguida, por um lado, de sua contraparte masculina – a Escola Normal Superior Primária de Saint-Cloud – e, por outro, da Escola Normal Superior da Rua d'Ulm e da Escola Normal de Professoras para as escolas secundárias para moças de Sèvres (criada em 1881), que faziam parte do nível secundário (Grandière, 2006).

⁷ AN, F17-23992, J. Reinach, « Lettre du sénateur Joseph Reinach au ministre de l'Instruction publique », 19 de junho de 1906.

⁸ AN, F17-23992, Inspection d'académie, « Appréciations et propositions », 4 de maio de 1891.

⁹ AN, F17-23992, Inspection générale, « Observations générales », 1º de abril de 1891.

¹⁰ AN, F17-23992, Inspection d'académie, « Appréciations et propositions », 25 de abril de 1892.

¹¹ AN, F17-23992, Inspection générale, « Observations générales », de maio de 1892.

"Não esqueci", escreveu ela, "a grande alegria que senti ao pensar em trabalhar sob sua direção quando, como professora na Escola Normal de Melun, fui, a meu pedido, nomeada professora auxiliar na escola Sophie-Germain. Ouvi-la falar, tarefa que alguns julgavam desinteressante, trazia um alívio, um valor e uma importância que a tornavam encantadora e bela acima de tudo. (Fiévet, 1938: 11).

Aimée Fiévet se dedicou à nova função, e a qualidade de seu trabalho foi rapidamente notada pela Inspeção Geral do Ensino Primário, que destacou os méritos da professora. Em seu relatório de inspeção de 24 de fevereiro de 1893, Félix Pécaut observou:

A Srta. Fiévet cumpre sua tarefa como professora auxiliar com zelo e tato. Sua boa mente, seu excelente caráter e seus bons modos a tornam particularmente adequada para a parte educativa de sua função; quanto à parte do ensino, especificamente como auxiliar, que é trabalhosa diante da fraqueza de muitos alunos, ela demonstra tanta competência quanto boa vontade.¹²

E Pécaut esperava que a jovem "chegasse sem muita demora ao cargo de professora titular". Um ano depois, em 20 de fevereiro de 1894, esse julgamento foi corroborado pelo Inspetor Geral René Leblanc: após participar de uma aula dada por Aimée a seus alunos sobre as aplicações da pressão atmosférica e a lei de Mariotte, Leblanc ficou realmente impressionado com "a forma que ela conseguiu dar às suas lições de física." Seu ensino lhe parecia assumir "o verdadeiro caráter do ensino primário superior" e ele considerava que, "no interesse das alunas, seria desejável que a disciplina de ciências físicas fosse confiada a essa professora o mais cedo possível".¹³

Quando, em 1894, uma cátedra de ciências na escola Sophie Germain foi declarada vaga, Aimée contou com o apoio não apenas de sua diretora, Berthe Chégaray, que propôs sua candidatura a esse cargo, mas também da Inspeção Geral do Ensino. Para aumentar as chances de ser nomeada, a jovem professora aproveitou as relações familiares: seu tio, Charles Vacquant, escreveu uma carta ao diretor do ensino primário em 13 de setembro de 1894 pedindo que apoiasse a candidatura da sobrinha¹⁴. O empreendimento foi coroado de sucesso: um mês depois, em outubro de 1894, Aimée Fiévet foi nomeada professora de ciências físicas na Escola Primária Superior de Moças Sophie Germain. Sua nomeação marca um ponto de virada na carreira da jovem e na história do estabelecimento. De comum acordo com a diretora, Aimée contribuiu para tornar essa escola um local de inovação pedagógica, propondo em particular uma renovação do ensino das ciências físicas para moças.

Renovar o ensino científico para moças em um quadro institucional limitado

Aproveitando sua experiência como professora auxiliar e seu conhecimento das dificuldades enfrentadas pelas alunas na disciplina de ciências, Aimée modificou o programa de ciências físicas para adaptá-lo à finalidade do ensino primário superior para moças. Fazendo parte da instituição escolar, essa reforma não foi isenta de limitações na época:

¹² AN, F17-23992, F. Pécaut, « Observations générales », 24 de fevereiro de 1893.

¹³ AN, F17-23992, R. Leblanc, « Appréciations et propositions de l'Inspection générale », 20 de fevereiro de 1894.

¹⁴ AN, F17-23992, C. Vacquant, « Lettre de Charles Vacquant au directeur de l'enseignement primaire », 13 de setembro de 1894.

Infelizmente, ele é um fator importante a ser reconhecido, e por isso a reorganização do programa não foi livre. Esse fator são os exames que as alunas querem ou precisam fazer, durante os quais lhes são feitas perguntas que podem ser consideradas desnecessárias, mas que não se pode deixar que ignorem para não comprometer o seu futuro. Esse é um obstáculo importante. (Fiévet, 1902: 350).

Além do peso dos concursos, Aimée Fiévet estava ciente da natureza "modesta e limitada" do programa de ciências no ensino primário superior feminino, cujo objetivo era "preparar as alunas para se tornarem não apenas professoras ou empregadas, mas também, e acima de tudo, mulheres e mães suficientemente instruídas para levarem a cabo e com interesse os negócios e a prosperidade da casa e do lar." (Fiévet, 1902: 349) Apesar dessas limitações, Aimée aproveitou a flexibilidade deixada pelo decreto de 25 de janeiro de 1895 relativo aos programas das escolas primárias superiores e dos cursos complementares da cidade de Paris¹⁵ para trabalhar em prol de uma renovação substancial do programa científico, visando sua aplicação direta, imediata e prática¹⁶ ao ensino de assuntos domésticos.

Já não podia, escreveu ela, ser uma questão de seguir a ordem clássica estabelecida nos programas oficiais, mas sim de estudar as aplicações da física e da química conforme elas se apresentam a nós diariamente, para lhes dar assim mais realidade e mais vida, torná-las mais familiares e, portanto, mais acessíveis. (Fiévet, 1902: 350).

Com esse novo currículo, cabia a Aimée Fiévet "realizar uma obra educacional frutífera", ou seja, não apenas proporcionar às suas alunas "um tipo de experiência e competência aplicáveis desde já, e capazes de ter um efeito benéfico em seu entorno imediato", mas, acima de tudo, de desenvolver nelas "o espírito de pesquisa" e o "espírito de crítica" (Fiévet, 1902: 350, 349). Para realizar tal reformulação do currículo de ciências, Aimée frequentou, durante seus anos como professora, inúmeros cursos na Faculdade de Medicina, no Museu de História Natural, na Sorbonne, no Conservatório das Artes e Ofícios, e visitou um grande número de fábricas e oficinas na França e no exterior. Isso a levou a adotar a ideia de que era apropriado colocar "o método experimental" no centro de seu projeto de renovação e de sua prática de ensino, de modo que as diferentes partes do programa científico se tornassem "a realização pelas alunas dos experimentos feitos nas aulas de física e química da semana anterior aos exercícios de aplicação".¹⁷

Organizado em torno do "estudo das coisas da vida cotidiana nas quais quase todas as alunas das escolas superiores estão ativamente envolvidas", este novo programa focava, no primeiro ano, a análise dos princípios físicos e químicos envolvidos na produção de alimentos, aquecimento e iluminação. No segundo ano, as aulas abordavam as dimensões científicas associadas a assuntos domésticos, em particular "o estudo tecnológico de utensílios domésticos", a análise de fenômenos "devidos às mudanças dos estados da água, dos

¹⁵ Se, originalmente, os currículos das escolas primárias superiores haviam sido definidos nacionalmente pelos decretos de 21 de janeiro e 18 de agosto de 1893, o decreto de 25 de janeiro de 1895 estipulava que as escolas de Paris adotariam esses currículos apenas como "base do ensino" (art. 2º). O decreto especificava que "nenhum currículo especial será estabelecido nem para as escolas primárias superiores nem para os cursos complementares para meninos e meninas da cidade de Paris" (art. 1º).

¹⁶ Essa noção de aplicação aqui refere-se ao ensino baseado em um método experimental não rígido, no qual "uma grande parte é dedicada, durante a exposição do conteúdo, a experimentos e ao uso de instrumentos e equipamentos. Isso, aliás, é a maior atração das lições e o que as torna realmente interessantes" (Fiévet, 1902: 351).

¹⁷ AN, F17-23992, A. Fiévet, « Mademoiselle Fiévet, candidate à la direction de l'École primaire supérieure Sophie-Germain, à Paris », 1912.

instrumentos de medição mais usados ou consultados e, por fim, dos instrumentos e dispositivos mais frequentemente vistos". No terceiro ano, o programa desenvolvia os elementos estudados ao final do ano anterior e oferecia uma revisão geral da disciplina com suplementos (Fiévet, 1902: 350). Como não existia livro de física e química baseado nesse método na época, Aimée escreveu e autografou seu curso para distribuí-lo em forma de fascículos para todas as suas alunas.

Se, à primeira vista, tal programa pode parecer uma extensão dos manuais de economia doméstica que estavam sendo distribuídos na mesma época no ensino primário elementar (Lebeaume, 2014), ele é caracterizado por um propósito científico e educacional muito mais marcado: trata-se de "uma transformação guiada pelo conhecimento do estado mental a ser cultivado e com a preocupação com seu desenvolvimento intelectual e com seu destino futuro" (Fiévet, 1902: 349, grifo nosso). De fato, o programa do ensino de ciências elaborado por Aimée Fiévet baseava-se em duas ideias principais: "nunca ensinar nada além do que pode ser verificado experimentalmente; nunca desorientar ou deslumbrar as alunas e, para isso, sempre começar pelo que elas sabem" (Fiévet, 1902: 351). A experiência e a experimentação de laboratório recebem, assim, um lugar de destaque nas aulas concebidas para serem abertas aos desenvolvimentos tecnológicos recentes e ao mundo profissional. Para isso, Aimée organizava visitas com suas alunas todas as quintas-feiras ao Museu das Artes e Ofícios, a fábricas de alimentos e a indústrias variadas¹⁸.

A esse respeito o projeto levantou questionamentos e interrogações de alguns inspetores, que viam com maus olhos a forma tomada por esse programa de ensino de ciências para moças. Eis o que o Inspetor Geral de Ciências Jules Joubert observou em seu relatório de inspeção em 1898:

No meu relatório do ano passado sobre a Srta. Fiévet, prestei homenagem ao seu zelo e devoção. Disse que ela havia assumido uma tarefa muito pesada, que me deixava preocupado com ela, isto é, a tarefa de romper com os programas clássicos para organizar do zero um ensino de física e química mais adequado às mentes e necessidades de suas alunas. Eu a auxiliei o melhor que pude, corrigindo o seu programa e dando conselhos muito detalhados sobre como aplicá-lo. A inspeção deste ano me deixou no mesmo estado de apreensão do ano passado. A Srta. Fiévet é inteligente, instruída, trabalha muito, chegando a comprometer sua saúde: é uma mente distinta, expressa-se com facilidade, clareza e elegância. O que ainda lhe falta é o senso prático do ensino; ela não sabe como dividir e classificar as questões e partir do que lhe foi ensinado para o que deve ensinar às suas alunas. Ela não acredita que tal proposta, que é uma verdade na Sorbonne, possa ser um erro na rua de Jouy. [...] Tive uma longa entrevista com a Srta. Fiévet e fiz com os maiores detalhes a crítica de seu ensino. Espero sinceramente que ela coloque meus conselhos em prática, pois, por seu zelo e dedicação, a Srta. Fiévet não é apenas uma pessoa muito recomendável, mas também uma das mais interessantes. Não duvido de sua boa vontade, mas temo a sua forma de pensar.¹⁹

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ AN, F17-23992, J. Joubert, « Appréciations et propositions de l'Inspection générale », 1898, grifo nosso.

Como podemos ver, o remanejo dos programas realizado por Aimée na Sophie Germain estava, na época, sujeito a limitações significativas: além dos requisitos legislativos e regulatórios, o Inspetor Geral controlava o trabalho e vigiava para que o programa elaborado por ela não ultrapassasse o arcabouço institucional estabelecido. Ele não hesitou em repreender Aimée pelo "feitio da sua mente", sua tendência a acreditar que uma proposição científica ensinada na Sorbonne também poderia ser ensinada às jovens da escola Sophie Germain, e em pedir que ela alterasse seu programa para que correspondesse mais ao que se esperava das moças do ensino primário superior.

Tais repreensões talvez pudessem acabar com o projeto, se Berthe Chégaray, diretora do estabelecimento, não tivesse intervindo para defendê-la. Esta última assumiu então a responsabilidade pelo trabalho realizado por Aimée Fiévet, afirmando que era uma "professora irrepreensível em todos os aspectos", com "zelo acima de todos os elogios" e obtendo "excelentes resultados no ensino consciencioso e substancial que renovou".²⁰ Em 1938, em uma coletânea escrita em homenagem a Chégaray, que havia falecido no ano anterior, Aimée recordou: "Nossa querida Senhora me apoiou com toda sua autoridade, e pude continuar meu ensino em paz, tal como ela gentilmente me autorizou a organizar" (Fiévet, 1938: 11).

Apesar dessas críticas e das dificuldades encontradas, o ensino científico renovado por Aimée foi objeto de reconhecimento e consagração oficiais na Exposição Universal de 1900, para a qual foram enviados trabalhos de suas alunas como parte da exposição escolar da cidade de Paris. O júri internacional saudou o trabalho realizado por Aimée Fiévet e os resultados a que chegou. René Leblanc, Inspetor Geral do Ensino Primário e relator do júri internacional, afirmou que a Escola Sophie Germain dera ao programa de ciências físicas "uma interpretação que modifica profundamente o caráter e os resultados das aulas"; e ele prestou homenagem ao método desenvolvido pela Srta. Fiévet, que "é realmente concebido para as reais necessidades das alunas" e "se diferencia significativamente do que normalmente é feito nas escolas primárias para moças". Leblanc concluiu seu discurso elogioso declarando que "há de fato aqui uma inovação a ser apontada e recomendada, pois os resultados obtidos são muito satisfatórios" (Leblanc, 1902: 351). Em reconhecimento a esse trabalho, Aimée Fiévet foi nomeada Oficial de Instrução Pública em 1906.

Um engajamento em prol da reforma educacional e social e da causa das mulheres

Na época, o engajamento de Aimée se estendia para além da instituição na qual lecionava. Ela se envolveu cedo na Sociedade Livre para o Estudo Psicológico da Criança (SLEPE), da qual era membro da administração e na qual ocupou o cargo de secretária das sessões por vários anos. Aí, conviveu com personalidades como Louis Liard, Ferdinand Buisson, Pauline Kergomard, Alfred Binet e Marie Fuster, com quem conduziu uma das primeiras pesquisas – "crianças indisciplinadas e rebeldes" – publicadas por essa sociedade (SLEPE, 1900: 7-8). Acometida de uma doença laríngea tuberculosa desde 1902, que se tornou uma grave doença infecciosa a partir de 1905, impedindo-a de lecionar por vários meses, Aimée se envolveu em várias outras tarefas relacionadas à reforma do ensino e à promoção da causa das mulheres.

Em 6 de agosto de 1907, Aristide Briand, então Ministro da Instrução Pública, lhe confiou uma missão de inspeção geral relacionada ao ensino de ciências nas escolas primárias para meninas do departamento do Sena. No relatório que resultou, Aimée pleiteou uma reforma consistente desse ensino e apontou várias deficiências, incluindo a natureza imprecisa e excessivamente ambiciosa dos currículos em relação às habilidades das alunas e às competências das professoras. Ela retornou assim a algumas das conclusões alcançadas alguns

²⁰ AN, F17-23992, B. Chégaray, « Appréciations et propositions du directeur de l'établissement », 1898.

meses antes pela pesquisa conduzida pela Comissão do Ensino Científico da SLEPE, cujo objetivo era investigar "se as crianças [do primário] haviam tirado proveito intelectual do ensino científico" (Fiévet, 1908: 18).

Na conclusão de seu relatório, Aimée Fiévet cita Alfred Binet, que declarou em novembro de 1908 acerca da pesquisa da SLEPE que "existem apenas duas razões que recomendam o ensino das ciências na escola primária: o conhecimento de aplicações úteis e o desenvolvimento da mente científica. [...] Se nossos programas de ciências são estranhos a essas considerações do bom senso, só há uma coisa a dizer: eles devem ser corrigidos" (Fiévet, 1908: 18). No entanto, a professora leva a ideia além e afirma:

Para acabar com o mal e fazer o bem, não bastaria corrigir os programas: seria necessário também e, acima de tudo, corrigir as professoras que, se podem alegar desculpas muito válidas em sua defesa, no entanto, fracassam em grande parte no ensino científico. Como agora é entendido e ministrado esse ensino, é mais do que um erro, é um perigo; pois vai contra o que deve fazer, espalha ideias falsas e conhecimentos que não são conhecimento, mata o espírito de observação e crítica, acostuma as crianças a se contentarem com palavras e a admitirem passivamente afirmações que não foram provadas diante de sua razão (Fiévet, 1908: 18).

Nessa perspectiva, Aimée insistiu na necessidade de reformar os cursos elementares e superiores, modificando a composição da banca de avaliação e exigindo que ela demonstrasse "mais homogeneidade e firmeza na avaliação". Também recomendou a tomada de medidas para "continuar a educação das professoras normalistas e outras". Entre essas medidas está a obrigação de as professoras em estágio no terceiro ano da escola normal "fazerem pelo menos um curso em um dos grandes estabelecimentos educacionais de Paris: Sorbonne, Collège de France, Faculdade de Medicina, Escola de Farmácia, Museu ou Conservatório das Artes e Ofícios"; realizarem um estágio de várias semanas em escolas parisienses e substituírem "por um mínimo de um mês [...] as professoras em licença, em qualquer escola boa ou ruim na periferia ou no centro." Isso a fim de evitar a "sensação um pouco exagerada de seu valor e de sua superioridade", que "é mui frequentemente encontrada entre as normalistas", e para evitar "desilusões [das aspirantes ao ensino] quando chegarem à escola em que se efetivarem" (Fiévet, 1908: 28-32).

Na época, essa missão de inspeção foi uma forma de Aimée destacar às mais altas autoridades do Estado a necessidade de uma reforma do ensino científico para meninas em Paris. Aliás, seu relatório também teve certo eco: foi lido e comentado pelo Inspetor Geral da Instrução Pública Athanase Gilles, pelo diretor de educação primária do departamento do Sena, Léon Bédorez, por Amédée Gasquet, diretor do ensino primário do Ministério, e pelo Ministro da Instrução Pública Gaston Doumergue, que, em uma nota a Amédée Gasquet de 22 de outubro de 1909, escreveu que ficou "muito interessado em ler o relatório da Srta. Fiévet e muito impressionado com as observações que ele contém e com as conclusões a que chega", e afirmou que queria "tomar as medidas necessárias" para remediar a situação²¹. Pouco depois, Aimée Fiévet foi nomeada membro da Comissão dos cursos elementar e superior pelo Reitor da Academia de Paris.

²¹ AN, F17-23992, A. Gilles, « Rapport de l'Inspecteur général Gilles à Monsieur le directeur de l'enseignement primaire », 17 octobre 1909 ; L. Bédorez, « Note pour Monsieur le directeur de l'enseignement primaire au ministère de l'Instruction publique, sur les résultats de l'inspection confiée à Mlle Fiévet » ; G. Doumergue, « Note de Monsieur le ministre de l'Instruction publique à M. Gasquet », 22 de outubro de 1909.

Nessa época também, Aimée Fiévet estava engajada na defesa da reforma social e da causa das mulheres. Com Louise Cruppi (esposa do Ministro Jean Cruppi), criou a Associação Geral dos Estudantes da Universidade de Paris, que inaugurou em 1910 uma secretaria para a busca de vagas de emprego para mulheres, bem como um restaurante cooperativo feminino da Universidade de Paris na sede da associação, na rua Saint-Jacques, 55, com o objetivo de permitir que jovens estudantes tivessem um lugar para comer, descansar e trabalhar, e para as mulheres qualificadas encontrarem emprego²². No mesmo ano, Aimée tornou-se presidente da seção de ciências do Conselho Nacional das Mulheres Francesas e defendeu a importância de abrir para elas os estudos e as carreiras restritos para homens (Conseil national des femmes françaises, 1910: 138).

A partir de 1913, ano em que foi nomeada diretora da escola primária superior Sophie Germain, Aimée trabalhou para encontrar oportunidades profissionais para as moças de sua escola. Em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, a diretora criou várias seções especiais na Sophie Germain: uma seção preparatória para processos seletivos destinada a permitir que as alunas acessassem vagas de professoras no departamento do Sena, fora do concurso das Escolas Normais, uma seção de secretariado técnico solicitada por industriais da região de Paris e uma seção de desenho industrial criada em resposta à demanda de empresas como a Shell para substituir os projetistas que foram para a linha de frente²³.

Nesse contexto de guerra, Aimée organizou, com a ajuda do pessoal da escola e das alunas, atividades em colaboração com a Cruz Vermelha e para o auxílio a refugiados. A escola participou de empréstimos nacionais, dias patrióticos e realizou muitos envios para a linha de frente em unidades de combate. O estabelecimento também acolheu meninas alsacianas, mais de cem soldados das regiões devastadas e contribuiu para a sua reinstalação em suas casas após o armistício. Aimée Fiévet – que havia perdido dois de seus irmãos na linha de frente e outro em 1919 devido a ferimentos – continuou esses trabalhos após o fim do conflito: estabeleceu uma importante colaboração com a Cruz Vermelha para a ajuda nas regiões libertadas. A escola também se interessou pelas obras sociais: oferecia apoio material e moral aos desempregados e aos necessitados no quarto *arrondissement* de Paris. Por suas ações, Aimée Fiévet foi condecorada com a medalha da Rainha Isabel da Bélgica pelos serviços prestados a refugiados e soldados belgas nas regiões invadidas. Em 31 de julho de 1921, ela também foi nomeada Cavaleira da Legião de Honra²⁴.

À frente da escola Sophie Germain até 1928 (quando se aposentou), Aimée continuou suas ações: formou jovens mulheres que se tornariam promotoras da Educação Nova na França, em particular Marie-Aimée Niox-Château, que ocupou o cargo de preparadora e depois de professora auxiliar no estabelecimento entre 1923 e 1929. Aimée também trabalhou para dotar a Associação de Ex-Alunas da Escola Sophie Germain de uma casa de campo, para que as alunas e ex-alunas da instituição que não tivessem meios para viajar de férias pudessem ir descansar no interior a um custo menor. Com os valores provenientes da venda dos trabalhos de costura realizados pelas alunas da escola, Aimée adquiriu, em 1927, uma casa de campo em Fidelaire, no Eure, que podia acomodar cerca de vinte pessoas. A partir de 1929, essa "casa da escola" tornou-se um destino de férias para muitas jovens.²⁵

²² AN, 19800035/376/50476, « Résumé des services de Mlle Fiévet, Émilie, Victoire, Aimée. Directrice de l'École Sophie Germain », 23 de agosto de 1921.

²³ Archives de Paris (AP), 3527W7, Liasse « Commémorations – Cinquantenaire, coupures de presses, lettres », École Sophie Germain, *Souvenir du Cinquantenaire. Monographie de l'École Sophie Germain. 1882-1932*.

²⁴ AN, 19800035/376/50476, « Résumé des services de Mlle Fiévet, Émilie, Victoire, Aimée. Directrice de l'École Sophie Germain », 23 de agosto de 1921.

²⁵ AP, 3527W7, Liasse « Association des anciennes élèves. Maison de l'école (Le Fidelaire, Eure), comptes, plans manuscrits, notes, 1928-1941, 1984 ».

Fora de seu estabelecimento, Aimée contribuiu junto com Louise Cruppi para a criação da Casa das Estudantes, localizada no boulevard Raspail, 214. Inaugurada em 15 de maio de 1924 pelo Reitor Appell, esta casa oferecia serviços às estudantes, incluindo moradia, restaurante cooperativo, biblioteca e serviço de localização de vagas de emprego. Em 1925, foi criado um Escritório de Informação para Carreiras Femininas dentro dessa casa com o objetivo de publicar e disponibilizar anúncios para jovens mulheres interessadas em informações sobre carreiras femininas qualificadas. Até 1939, Aimée oferecia no escritório consultas gratuitas de orientação profissional para as estudantes todas as quintas-feiras à tarde. Em 1934, na qualidade de presidente desse escritório, recebeu o Prêmio Tanesse da Academia de Ciências Morais e Políticas destinado à pessoa que mais contribuiu para melhorar a condição da mulher (Brunschvicg, 1934: 334).

No fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, Aimée Fiévet buscou assim oferecer uma educação nova, científica e profissional para as moças de Paris e dar às mulheres acesso ao ensino superior e ao emprego. Durante sua carreira, ela transformou a escola Sophie Germain, que dirigiu entre 1913 e 1928, após ter lecionado nela por vinte e um anos, em um local de inovação pedagógica e solidariedade social, no qual se formariam futuras agentes da educação nova, como Marie-Aimée Niox-Château. Aimée Fiévet manteve vínculos com inúmeros partidários da reforma pedagógica, especialmente dentro da SLEPE. Em 1931, Paul Faucher considerou que ela era uma das "pessoas que compreendiam o problema da educação" ao lado de indivíduos como Alice Jouenne, Roger Cousinet e Jean Baucomont (Faucher, 1931). O estudo da trajetória e da obra de Aimée Fiévet, que permaneceram amplamente ignoradas na historiografia, questiona assim o lugar dos/as agentes que, dentro da instituição escolar, promoveram a disseminação de ideias e práticas pedagógicas da educação nova, sem necessariamente o reivindicarem explicitamente.

Bibliografia

Fontes de arquivo

Archives nationales, site de Pierrefitte-sur-Seine, F17-23992, dossier Aimée Fiévet, Fonds de l'Instruction publique.

Archives nationales, site de Fontainebleau, 19800035/376/50476, dossier nominatif de Chevalier de la Légion d'Honneur d'Aimée Fiévet.

Archives de Paris, 3527W 1 à 12, École primaire supérieure Sophie-Germain (1882-1941) puis collège moderne et technique Sophie-Germain (1941-1960) puis lycée municipal Sophie-Germain (1960-1969) puis lycée Sophie-Germain (après 1969). – Administration générale. Gestion du bâtiment. Gestion du personnel. Scolarité. Associations. Commémorations.

Fontes impressas

Brunschvicg L. (1934) « Rapport sur le concours pour le prix Tanesse à décerner en 1934 » – in : Académie des sciences et morales et politiques (1934) *Séances et travaux de l'Académie des sciences morales et politiques : compte rendu publié sous la direction de M. Ch. Lyon-Caen* (334-336). Paris : Félix Alcan.

Conseil national des femmes françaises (1910) *L'Action féminine : bulletin officiel du Conseil national des femmes françaises*. Paris : Rédaction et secrétariat général.

Fiévet A. (1902) « Enseignement des sciences physiques » – in : Ministère du commerce, de l'industrie, des postes et des télégraphes. Exposition universelle internationale de 1900 à Paris. *Rapports du jury international. Groupe I. Éducation et enseignement* (349-351). Paris : Imprimerie nationale.

Fiévet A. (1938) « In Memoriam » – in : *Madame Silvain Dufour, sa vie, son œuvre [1850-1937]* (11-12). La Charité-sur-Loire : Impr. A Delayance.

Leblanc R. (1902) « Rapport du jury international » – in : Ministère du commerce, de l'industrie, des postes et des télégraphes. Exposition universelle internationale de 1900 à Paris. *Rapports du jury international. Groupe I. – Éducation et enseignement*. Paris : Imprimerie nationale.

Société libre pour l'étude psychologique de l'enfant. (1900) « Enquête sur les enfants indisciplinés et rebelles » – *Bulletin de la Société libre pour l'Étude Psychologique de l'Enfant* 1 (7-8).

Literatura secundária

Briand J. P. & Chapoulie J.-M. (1992) *Les collèges du peuple. L'enseignement primaire supérieur et le développement de la scolarisation prolongée sous la Troisième République*. Paris: INRP, CNRS et ENS.

Faucher P. (1931) « Courrier de P. Faucher à R. Duthil, 2 mars 1931 » – in : M. Moyon & N. V. L. Pinheiro, « René Duthil, militant français de l'adoption des tests à l'école dans l'entre-deux-guerres » – *Histoire de l'Éducation* 152, 2019/2 (37-61).

Grandière M. (2006) *La formation des maîtres en France (1792-1914)*. Lyon : INRP.

Lebeaume J. (2014) *L'enseignement ménager en France. Sciences et techniques au féminin (1880-1980)*. Rennes : PU de Rennes.

Mayeur F. (1979) *L'éducation des filles en France au XIXe siècle*. Paris : Hachette.

Prost A. (1968) *L'enseignement en France (1800-1967)*. Paris : Armand Colin.